

“Há um grande equívoco na negociação brasileira”

por Mara Luquet
de São Paulo

Antônio Boralli, representante legal no Brasil do Citibank, maior credor do País, diz que há um grande equívoco na condução da renegociação da dívida externa por parte do governo brasileiro. “O governo busca maximizar o resultado financeiro dessa negociação, quando na verdade o mundo esperava que o Brasil conduzisse as conversas no sentido de retomar a credibilidade do País”, avalia.

Segundo Boralli, o que está na mesa de negociações atualmente são os pagamentos dos juros atrasados, “que nas últimas três semanas tiveram efetivamente alguns progressos”. O executivo não arrisca dizer que esta questão esteja resolvida até o final desta semana, mas reconhece que o problema dos atrasos terá um desfecho próximo. Boralli frisa, no entanto, que o acordo sobre o principal da dívida externa brasileira só começa a ser negociado após estarem solucionados os pontos pendentes do último acordo, de 1988. Para o acordo definitivo, o executivo também não dá prazo, mas sabe que demora alguns meses mais.

Um acordo para o pagamento de juros já seria

“uma dose de boa notícia importante para os ânimos dos agentes econômicos”, acredita o principal executivo do Citibank no Brasil. Para Boralli, o País perde mais em investimentos e na retomada de crescimento do que poderia lucrar com a economia de reservas. “É um erro de avaliação”, prossegue, “o mundo econômico está interligado”.

Numa avaliação rápida, o executivo compara a recessão do País em 1990 e 1991 a investimentos feitos por multinacionais nos últimos meses. As companhias optaram por países da América Latina, cujos acordos externos já foram definidos, como México e Venezuela.

A crise dos bancos americanos não pressionará os credores na renegociação brasileira, garante Boralli. Segundo ele, a tese de capacidade de pagamento nem mesmo está na mesa de negociações. Para o executivo, um novo provisionamento, que poderá ser exigido pela Interagency Contry Exposure Region Committee (ICERC), agência interministerial dos EUA que avalia riscos dos bancos americanos, que esteve reunida ontem, afetará pouco os bancos “por causa dos níveis de suas reservas atuais”.